



EXPRESSO/ATUAL – 8 de Outubro de 2011

O SOM E A FÚRIA

Espantoso plano inicial. Dir-se-ia prodígio cenográfico, pórtico de entrada para uma ficção, digno de Kurosawa, com aquela letra gigantesca no interior da qual o Joca/Rafael Morais se afunda (mas é apenas escada) no caminho para um bairro de onde, havemos de perceber ao longo do filme, a vida encontra maneiras de não deixar (quase) ninguém sair. Mas não é cenografia, é apenas um elemento edificado, está lá no terreno. É o princípio de “Sangue do Meu Sangue”, inscreve uma matriz estética que Canijo vai assumir o tempo todo: a narrativa há de mergulhar no naturalismo até praticamente nos convencer que estamos a ver gente e vidas em carne viva, suspendendo todas as descrenças; ao mesmo tempo mostrará o artifício, a construção, seja pela posição da câmara (não raras vezes olhando de um ponto ‘impossível’ – e haverá ações que se passam fora do olhar), seja pelo trabalho sobre o som, sempre inserindo um pequeno grão na transparência.

O filme navega num turbilhão de fúria. É a história de uma família, a mãe cozinheira (Rita Blanco), uma irmã que trabalha num cabeleireiro e é dada a esoterias (Anabela Moreira), uma filha que estuda para enfermeira e trabalha num supermercado, um filho que já esteve internado correccionalmente e, se é apanhado noutra, vai mesmo preso (Rafael Morais). Os fios de uma existência dura vão-se tornar trágicos quando a filha se torna amante de um professor, médico e homem casado (Marcello Urgeghe) e quando o filho tenta dar um golpe no patrão do tráfico da zona (Nuno Lopes) – ambos a caminho de um preço insuportável. O amor das duas mulheres mais velhas pelos mais jovens da família vai tentar fazê-los sair do destino que se afigura negro.

A história podia ser de telenovela – mas a sério. Uma telenovela onde os pobres não fossem castiços e os ricos não se armassem em viscondes da treta. Onde houvesse sangue, falta de espaço, suor, cansaço, pouco dinheiro, falta de esperança, promiscuidade, ideias feitas. Onde a forma como as pessoas falassem e os sons que rodeassem as suas existências as definissem por completo (e nunca houve, no cinema português, uma banda sonora tão vibrante e significativa, em que a mistura e a montagem acordassem universos inteiros). Uma telenovela que mostrasse que a vida é tudo, mesmo o horror, às vezes para além do intolerável. Nem nos apetece saber – mas há quem por lá ande.

O trabalho dos actores é superlativo. Primeiro na construção do argumento (documentado em “Trabalho de Actriz, Trabalho de Actor”, exibido (...) na RTP e editado em DVD). Depois na generosidade com que se entregaram a esta ficção (sem maquilhagem, as actrizes aceitaram desfear-se para que os poros, o desalinho, o mau-gosto das roupas definisse as personagens do Bairro Padre Cruz – e não é um detalhe). E sempre, o talento a derramar-se num filme inesquecível. Injustíssimo destacar seja quem for num conjunto sublime, mas permita-se referência a Nuno Lopes e a Anabela Moreira, extraordinários na transfiguração brutal que sobre si operam.

Jorge Leitão Ramos

